

Suplemento Cultural

‘MENDIGAS IMORTAIS’ DA CAMPO GRANDE ANTIGA: AS DUAS MARIAS

GERALDO RAMON PEREIRA
- escritor/poeta, coordenador desta página pela ASL

Além da “Rosinha Louca”, cujo perfil delineamos em crônica anterior, duas outras mulheres tiveram suas imagens indelevelmente incrustadas na memória dos que com elas conviveram: Maria Bolacha e Maria Preta. Ambas predestinadas geneticamente à manifestação do que de mais belo, mais terno e mais sublime possa existir em nossa espécie – talvez a difusa e multicolorida fronteira entre o divino e o humano, que é a mulher – ei-las, no entanto, jogadas à desdita, ao sofrimento e ao vilipêndio das ruas, como mendicantes, para mim duas “mendigas imortais” do passado campo-grandense.

Maria Bolacha, despojada de beleza, gorducha e retaca, sem atrativos femininos, fugia deveras aos encantos do gênero, sobremaneira pela cara redonda – que lhe valera a alcunha do biscoito homônimo – encimada, ao topo da cabeça, por um pano encardido e ainda um saco sujo e surrado nas costas. Já a Maria Preta, a par da pele escura, impressionava pela silhueta magricela, rosto chupado, que projetava beijos gros-



(FOTO: GOOGLE)

A MENDICÂNCIA ATESTA O GRAU DE INJUSTIÇA SOCIAL DE UM POVO

seus, além de andar sempre bem maquilada, sonhando ser bela, de lençinho no pescoço, até bolsa e chapéu usando. E ai de quem insinuasse nela os efeitos dos janeiros, pois sua alma era de mulher jovial e romântica, desabrochando-se toda ao falar de amores.

Enquanto Maria Preta, já elevada pela bebida, dançava graciosamente pelas ruas, a ponto

de derramar ternura em uns e arrancar gracejos a outros, Maria Bolacha – como a Rosinha Louca – era alvo de referência para as mães amedrontarem seus filhos, dizendo que ela os pegaria e até mesmo bateria nesses, de vez que era seu costume, para se defender, carregar um bom pedaço de pau. O fato é que os moleques de rua, às vezes tão carentes e abandonados quanto os mendigos, viviam a fustigá-la e a debochar dela, transformando-a em oportuno e vulnerável objeto de suas agressões, seus ódios e suas revoltas. Só restava a Maria Bolacha xingá-los e atropelá-los, em cenas que suscitavam, a um só tempo, sorrisos, dó e piedade por ambas as partes em desacato.

Doas Marias! Com a mãe de Jesus formariam uma tríade mariana, com a diferença de que uma é amada e louvada lá nos Céus, talvez em berço de nuvens

“

*Enquanto Maria Preta,
já elevada pela bebida,
dançava graciosamente
pelas ruas(...), Maria
Bolacha – como a Rosinha
Louca – era alvo de
referência para as mães
amedrontarem seus
filhos”*

douradas, enquanto as outras duas amargaram o submundo cá da Terra, quiçá nem foram mães, nem tiveram ou perderam suas famílias, por fim, não sabiam onde comer, banhar-se ou pernoitar, talvez apenas o chão duro das ruas, de barro ou poeira, acudisse como leite, a luz da lua lhes alumiasse os sonhos que as transportavam para um castelo sempre imaginado e nunca atingido... Que a virtuosa e venturosa Maria do Céu tenha recolhido em seu sacrossanto regaço suas duas xarás cá da terra, a Maria Bolacha e a Maria Preta, dando um exemplo de que igualdade e justiça devam algum dia coexistir, indistintamente, entre todos aqueles que se dizem filhos de Deus.

POESIAS

DECISÃO

Uma estrela me sorri,
estou celeste, agora.
Hoje, nada me tira o norte
nada me desacalma.
Vejo de azul o mundo
sinto de luz a vida
extraio da cor o matiz
ouço das aves o canto
marco em ações o tempo
realço de alegria o verbo
e embalo atitudes em canto de amor.
Decidi ser feliz!

ILEIDES MULLER

PAPAIZINHO

Quando nasci, Papaizinho
Quase chorou de contente
E abraçando os presentes
Foi dizendo: “Já sou pai”.

Mamãe, “tadinha”! Deitada,
Tinha os olhos marejados
De tanta dor e alegria.
Olhava para todos os lados;
Não sabia se chorava,
Não sabia se sorria.

Assim contou-me a vovó
Dizendo que ela só
Resistiu com galhardia
Àquela grande ventura
De ver nosso lar completo
Na glória daquele dia!

JÚLIO GUIMARÃES

Memória, fonte de recuperação da vida

*‘Como areias douradas
Que vão e vêm, assim são as lembranças.
Preenchem tudo, mar
Total de infável ouro
Com o vento a transportá-las...
São assim as lembranças. Juan Jamón Jiménez*

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Foi através da memória, facultade épica por excelência, que Wilson Barbosa Martins aventurou-se a percorrer o longo caminho da vida pública e particular, resultando daí um retrato dos mais lúcidos de um Estado marcado por contradições de toda ordem.

A narrativa torna-se a história de uma época, ao mesmo tempo em que gravita em torno do eu, da introspecção e das observações do autor que rege a sinfonia da existência com a competência de um chefe de orquestra ou o talento de um arquiteto a reconstruir tijolo por tijolo o edifício dos sonhos.

Consciente de que o passado é uma conquista e de que o verdadeiro paraíso é aquele que perdemos, decide refazê-lo, valendo-se, para isso, das sensações que a memória involuntária lhe fornece. Dessa forma, o livro escrito na primeira pessoa reivindica a responsabilidade das afirmações de quem é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de ações descritas numa linha de veracidade e coerência.

O ponto de partida é um livro de couro, símbolo metonímico das lembranças dos antepassados, cuja leitura lhe permite unir as duas pontas da vida como queria Machado de Assis: a do menino dos campos da Vacaria e a do homem público, defensor intransigente dos princípios da liberdade e da democracia, que ocupou todos os cargos, amou casou, teve filhos netos e bisnetos e hoje contempla com serenidade as lembranças, que o mar recolheu e o vento transportou.

É uma longa viagem em que se cruzam dois planos o do autor/ emissor, que volta aos campos da Vacaria para reencontrar, na infância, o sabor das cores, dos doces, do cheiro das frutas do mato, e, acima de tudo, o prazer de sentir-se livre e o do leitor preso ao encantamento das histórias. E, como uma imagem puxa outra, surge da névoa das lembranças a figura da esposa Nelly Martins, com quem gostava de plantar árvores e que foi a grande incentivadora e a responsável pela maioria de suas realizações.

O emissor/narrador, dono do texto, domina, organiza e ordena o tempo, conta os fatos sem medo, até o fim, enquanto o leitor se torna participante das ações ligadas à memória, essa queimadura que toca a pele da consciência e que justifica a análise insistente do que somos e do porquê do que chamamos vida.

Participamos da chegada de comitivas de gado, ouvimos acordes de violões no silêncio das fazendas, sentimos o calor do fogo aceso de madrugada pelos peões, o acolhimento dado pela mãe à coluna Prestes, acompanhamos a instalação do governo de Vespasiano Martins, no prédio da Maçonaria de Campo Grande e visitamos a São Paulo dos lampiões a gás, onde o autor continuou sua formação.

Afirma Jorge Luiz Borges que cada um de nós se define para sempre em determinado momento, no qual se encontra para sempre consigo mesmo. Para Wilson Barbosa Martins esse momento de definição aconteceu, quando em São Paulo decidiu retornar a Campo Grande, que seria para sempre o palco de seu destino de lutas, centradas na força da família, no carinho da esposa, a artista plástica Nelly Martins, dos filhos e dos amigos.

O leitor, tocado pela largueza das idéias, pelo destemor com que defende a liberdade e a democracia, a força com que abomina as ditaduras, os governos violentos, as tiranias, revolta-se com a injustiça da cassação com que pagou, durante dez anos, a vocação libertária.

Acima de tudo, torna-se cúmplice das descrições minuciosas das duas vezes em que governa o Estado, quando transfere de forma generosa, para as equipes, o sucesso nas diversas áreas, cujas ações descreve com a precisão dos cientistas e a modéstia dos sábios, qual um expert no ofício, mister que domina com a segurança dos que têm algo a dizer. Com essas qualidades construiu uma obra vigorosa que percorremos com prazer da primeira até a última linha.

Segundo Walter Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é visado, percebido pela memória. O livro salva a existência de Wilson Barbosa Martins, figura emblemática e fundamental da história e recupera a memória social de um Estado que tem nele um de seus principais construtores.

(Texto de apresentação do livro **Memória – Janela da História**, de Wilson Barbosa Martins)

MELANCIA

RAQUEL NAVEIRA - vice-presidente da ASL

Gosto de ir à feira. Uma festa para os sentidos as bancas repletas de frutas, verduras, legumes. Os peixes prateados no gelo. As barracas de flores. As formas, os odores, os sucos, as cores. A beleza da natureza pronta para um quadro, uma tela, um pedestal.

Nesta mesa forrada de plástico verde e branco, destacam-se os pedaços de melancia, tão vermelha e doce. As numerosas sementes negras gritam um hino à abundância, à fecundidade, às origens.

Vi-me criança no sítio. Era verão. O sol quente parecia cuspir fogo como um dragão. Os feixes de arroz eram cortados a foice. Uma trilha nos levava ao córrego, um riacho frio que fluía entre as pedras. Iolanda, filha mais velha dos caseiros, ia à frente, com a trouxa de roupas. Tinha cabelos crespos, olhos verdes e o ar de camponesa rude que conhece os segredos da terra e seus perpétuos reinícios. Passamos pela roça de melancias. A planta de caule mole subia pelo arame farpado, retorcia-se pelo chão como uma serpente, envergava-se ao peso volumoso dos frutos de casca listrada e luzidia. Eu olhava aqueles frutos com satisfação, maturando projetos na

minha vida de sonhadora. Aqui e ali, no solo seco e arenoso, na erva trepadeira, sempre renascida, brotavam flores amarelas. Iolanda agora carregava roupa e melancia pelo caminho. Chegamos ao córrego, onde uma tábua servia de tanque e escorregador. Penetrávamos na água sem espuma, os pés na lama, como se entrássemos num corpo de alma úmida. Éramos donzelas e os peixes sumiam.

Contei para Iolanda aquela história do Américo Pisca-Pisca, que Dona Benta, do *Sítio do Picapau Amarelo*, narrou à travessa boneca Emília para dissuadi-la de querer reformar a natureza. Américo Pisca-Pisca tinha o hábito de colocar defeito nas coisas. O mundo para ele estava todo errado. O pomar era prova disso: a jabuticabeira enorme dava frutas pequeninas e as colossais melancias eram presas ao caule de uma planta rasteira.

Américo resolveu tirar uma soneca, à sombra da jabuticabeira. Dormiu e sonhou com um mundo novo reformado por suas mãos. De repente, uma jabuticaba caiu e se esborrachou no seu nariz. Américo despertou, meditou sobre o caso e reconheceu que o mundo não era tão mau: _ Se o mundo fosse arranjado por mim, a primeira vítima

“

“Vi-me criança no sítio. Era verão. O sol quente parecia cuspir fogo como um dragão. Os feixes de arroz eram cortados a foice (...)”

teria sido eu, morto por uma melancia. Iolanda riu, pisca-piscou:

-- A natureza tem cada uma. Às vezes o vento e os pássaros enxertam as plantas. Por isso é preciso tomar cuidado. Nunca plantar melancia perto de porungo, aquele fruto seco como coco. A melancia mofa. A cabaca enche d'água. Melancia é bom perto do córrego e porungo, longe. Melancia é succulenta. Porungo é duro, feito para guardar mel de abelha. Melancia tem polpa e porungo fibra. Porungo vira cuia de chimarrão e tereré. Chocalho de índio. Melancia a gente corta em fatias e devora na boca. Cada coisa tem sua serventia.

Compro a melancia inteira, pesada como um ventre grávido. Vai direto para a geladeira, pensei. À noite, lá, no meu passado, uma sereia saiu do córrego, rescou-se na tábua e ficou chupando melancia.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASL

O Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, no uso de suas atribuições e em cumprimento ao inciso III do parágrafo único do art. 23 do Estatuto da ASL, convoca todos os membros efetivos para assembleia geral a realizar-se na sede da Academia (Rua 14 de Julho nº 4715), no próximo dia **08 de março, às 15h**. A assembleia, que deliberará sobre aspectos financeiros da ASL e deveres estatutários dos membros efetivos, realizar-se-á nos seguintes termos: a) em primeira convocação, no dia e horário estabelecidos por este edital, com a presença de, no mínimo, cinquenta por cento dos associados mais um; ou b) em segunda convocação, com um quarto deles, após 30 (trinta) minutos do horário previsto para a primeira convocação. Contamos com as presenças de todos os acadêmicos e acadêmicas.

Campo Grande, 10 de fevereiro de 2018
Henrique Alberto de Medeiros Filho (Presidente)